

F
B869
V614
LVF
EX.3



LUIZ VIANA FILHO

UM HISTORIADOR NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

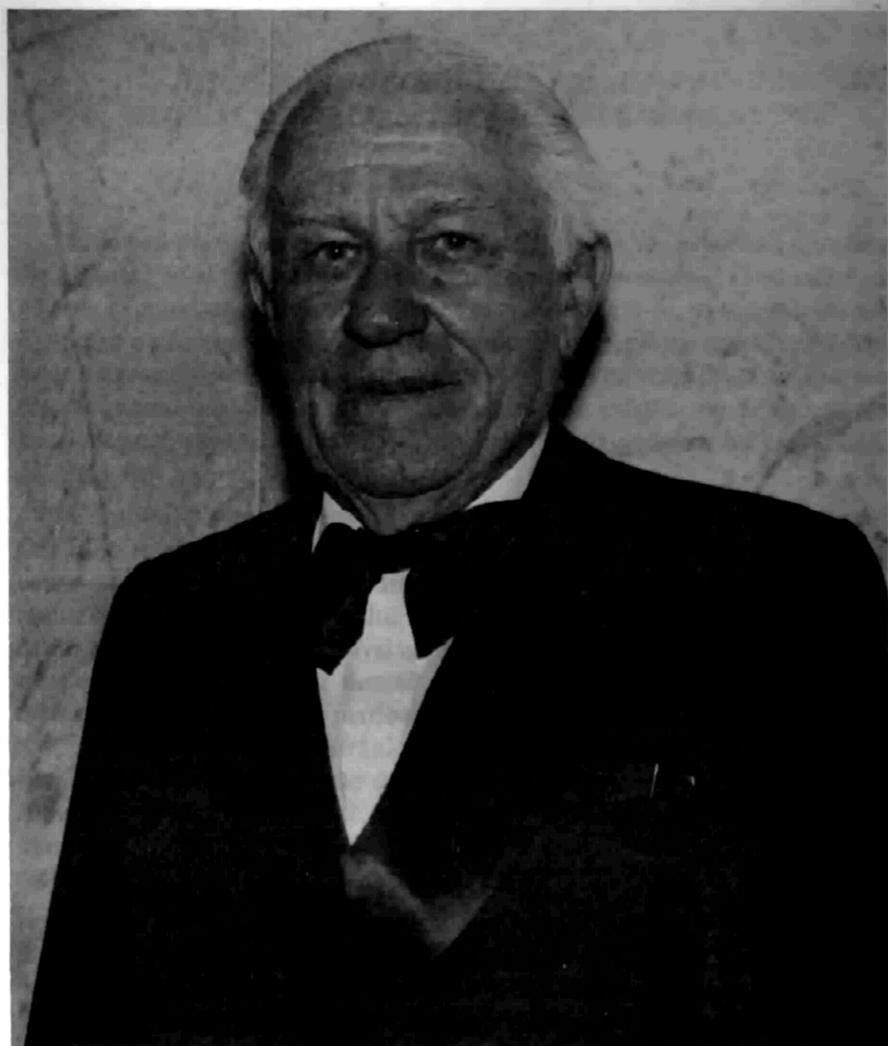
Autores dos discursos:

**Luiz Viana Filho
Aderbal Jurema**

BRASÍLIA—1982

***Luiz Viana Filho, um Historiador
na Academia Brasileira
de Letras***

— *Posse na Academia Brasileira
de Letras no dia 3 de dezembro
de 1982.*



... e portador de fama. Mas não, ainda no início do século, foi em 1923, ligando uma faxina a instituições de caridade, que ele se tornou conhecido instantaneamente, durante o discurso, onde falou de seus projetos e que faziam referência ao nome do generoso vizinho. Cabe...

DISCURSO PROFERIDO NA POSSE NA ACADEMIA BRASILENSE DE LETRAS, EM 3 DE DEZEMBRO DE 1982

É de boa praxe, na vida das Academias, comece o recipiendário agradecendo a generosidade dos que o admitiram à ilustre companhia. Com satisfação, não me eximirei da boa norma. Contudo, antes de fazê-lo, para que nada tolde a ventura e a honra que experimento, devo pedir-vos que me desculpeis a delongua entre a benevolência dos vossos votos e as galas da solenidade em que tomo assento, como um dos vossos companheiros. Sou extremamente agradecido à bondade com que quisestes me acolher no mais alto cenáculo das letras, na Capital do País.

Contudo, por me haverdes designado a cadeira de que é patrono Hugo de Carvalho Ramos, logo me obrigastes incursionar em campos — como bem sabeis — que me não são familiares, mas que me revelaram paulatinamente a maior figura literária do Planalto Central, no começo deste século. Aos títulos que o assinalam como admirável expressão das nossas letras, muitos outros se me depararam para tornar também sentimental a minha admiração. Inicialmente, para mim, se podeis perdoar-me o bairrismo, estão as suas origens baianas, talvez a confirmarem Afrânio Peixoto, para quem, “alguns dos maiores do Brasil que não são nossos são dádivas da Bahia”. Assim, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, Rio Branco, André Rebouças e Joaquim Murtinho.

Realmente, na Bahia, ou mais precisamente na antiga Freguesia de Santo Antônio de Jacobina, tão famosa na história das Bandeiras e da mineração, vamos encontrar o berço de Antônio Lopes de Carvalho Sobrinho, avô do nosso patrono, depois fixado como comerciante em Cachoeira, onde se casou com Rosalina Martins Ramos. Perdoai breve parêntese: foi-me grata surpresa saber ser esta irmã de Reinero Martins Ramos, figura quase lendária na minha adolescência. Rico exportador de fumo, Reinero, ainda no início do século, foi morar em Paris. Aí faleceu em 1923, legando uma fortuna a instituições de caridade da sua terra natal, e o seu testamento, durante décadas, seria motivo de disputas judiciais, que faziam repetido o nome do generoso testador. Conheci-o

antes de se tornar famoso pela benemerência, mas quando já apontado pela ventura de viver principescamente — dizia-se — na capital da França.

Retomemos, porém, o fio da meada. Manoel Lopes de Carvalho Ramos, um dos filhos de Carvalho Sobrinho, tendo cursado a Faculdade de Direito de Recife, pela qual se diplomou, advogou e lecionou em Cachoeira, donde se transferiu para Goiás, como Promotor da Comarca de Torres do Rio Bonito. Levava consigo a semente do gosto pelas belas letras. Semente baiana, que desabrocharia em magnífica floração goiana, pois seria ele o autor de dois livros impressos no Porto — “Os gênios” e “Goiânia”, que inspiraria o nome da atual Capital de Goiás.

Proclamada a República, Carvalho Sobrinho foi para Goiás Velho, como Juiz Seccional substituto. Aí se casaria e aí, em 21 de maio de 95, lhe nasceu o filho, que, em homenagem ao épico da “Legende des Siécles”, tomou o nome de Hugo. Uma predestinação? Quem sabe? O nascimento coincide como despontar do regionalismo na literatura brasileira, caso admitamos como marco inicial dessa Escola a publicação, em 1894, da novela *Praga*, de Coelho Neto. Contudo, os primeiros passos do adolescente, no campo das letras, não seriam no culto do regionalismo. Antes de chegar até ele, e ganhar celebridade, cultivaria o simbolismo e o fantástico. Ele próprio, em carta a Leônidas de Loiola, acusando o recebimento de um livro de Emiliano Pernetta, diria sem rodeios; “Também já paguei o meu tributo àquela modalidade da Arte, tendo publicado, em folhetim de jornal do interior aliás, duas *plaquettes* no gênero — “Hinário” e “Turrís Eburnea”. De permeio, entre o simbolismo e o regionalismo, ficaria o fantástico, gênero no qual teve como principais inspiradores Offmann e Poe. É, aliás, extraordinário que, desaparecido antes dos trinta anos, tal como Castro Alves, Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo, que deixaram o mundo nos albores da juventude, houvesse Hugo Carvalho Ramos tido tempo para uma bela caminhada. É que ele começou de calças curtas. O físico débil, franzino, bem como o temperamento tímido, desconfiado, não lhe foram embaraço no caminho da vocação literária. Parece que bem cedo, num desses Gabinetes Literários que tanto serviram à cultura, iniciou-se ele na leitura de Coelho Neto, Balzac, Flaubert, Taine, Garrett, Offman e Dumas. E aos 14 anos já era o autor de dois dramalhões: *Diário de um estudante* e *Os novos mosqueteiros*.

Contudo, somente em 1910, portanto aos 15 anos, estreou no jornalismo com pequeno ensaio, “Lágrimas e Risos”. O bom êxito levou-o a manter uma seção, *Silhuetas*, sob o pseudônimo de João Bicudo, e logo a escrever um dos seus melhores contos regionalistas; “Saci”. O êxito vinha, porém, de mãos dadas com a neurose que lhe angustiaria a breve existência.

A essa altura, convém acentuá-lo, já outros autores se haviam unido aos anteriormente citados na formação intelectual do adolescente, que se fizera fer-

voroso admirador de Euclides da Cunha e de Afonso Arinos. Na verdade, encontrara o caminho do regionalismo. Não que ele o seguisse de pronto, pois o fantástico, com Offmann à frente, ainda lhe queimava a imaginação. Daí haver escrito Darcy Damasceno, certamente um dos melhores críticos da obra de Hugo Carvalho Ramos, ser “digno de atenção o fato de que, por essa época, se dividisse o moço estudante entre a moda literária, caracterizada pelas exagerações decadentistas; e o chamamento da realidade, oscilando entre o fantástico e o natural, entre o intelectualismo de um léxico inovado ou arcaizante e o sensualismo das denotações paisagísticas, deixava pressentir a repercussão que em sua alma sertaneja causara a recente leitura de “Os Sertões”. E, para dar a medida do escritor, a quem a juventude não prejudicava o vigor do estilo, na sua sobriedade, lembra-nos o crítico estes trechos retirados de “O Vaqueiro”: “A alma simples e boa, o Lourenço arrastava as chinelas dos anos festivamente, sem que um pinote desabusado de cavalgadura viesse cuspi-lo da cutuca da felicidade...” E, pouco adiante: “Pesada, brutal, em um impulso único, desfilava vagarosa a boiada por aquelas campinas de Goiás sertanejo, embalada no canto monótono do vaqueiro, a chorar de quebrada em quebrada, profundo nostálgico e dolente, com o mesmo esplendor severo e imponente dos nossos sertões; Eh cou... Eh cão...”

“O Vaqueiro” é um divisor de águas na vida literária do escritor. Nessa composição da adolescência, pois tinha então apenas 16 anos, ele “vibra pela primeira vez a nota regional.” E, como observa Damasceno, “nem o tema, nem a linguagem apresentam qualquer ressaibo da literatura decadentista em cuja leitura o jovem se engolfava. Escrito sob forma evocativa, o conto oferece alguns indícios de intencional apreensão da realidade sertaneja: a descrição dos chapadões goianos, a nomenclatura botânica, a referência a objetos cotidianos”. De fato, ele mergulhara num ardente nacionalismo, do qual os seus contos e novelas serão um reflexo. Não é um partidário da arte pela arte, mas da arte como instrumento, veículo de conhecimento e valorização da vida brasileira, que vê principalmente no interior, nas miseráveis populações rurais. Diz-se que, como Mistral, ele tinha a sua província no coração. E os seus sonhos eram altos e belos. E à irmã, nas vésperas de pequena viagem pelo interior, já próximo de se transferir para o Rio de Janeiro, a cuja atração, tal como a juventude brasileira da época, não poderia fugir, à irmã ele abre o coração nesta significativa confissão:

“Em meu sangue corre impetuoso, como um instinto de zingaro, de cigano, de andar, andar, seja para onde for, uma febre de conhecer novos horizontes, o algo *nuevo* dos *globe-trotters*, de atravessar vastidões desconhecidas como o Saara, florestas virgens como nossos sertões, mares ignorados como os polares”. Mera fantasia de adolescente, pois, a exemplo do que ocorreu com Euclides da Cunha, o que ele ambicionava era conhecer o Brasil. Nunca pensaria se-

riamente em outros continentes. Daí ele próprio dizer nessa carta à irmã: “Quando a Comissão Rondon e o Dr. Savage Lander aqui estiveram, procurei acompanhá-los, infelizmente o pessoal completara-se já, e eu perdi tão boa ocasião de conhecer ainda mais profundamente nossas regiões do interior. Demais, se eu partir para aí, nessa simples viagem daqui para Araguari, terei muita coisa que observar, hábitos, costumes, aspectos, etc., que muitos — os que não possuem qualidades de observação e dedução — não tomam mais que por meros acidentes e coisas sem importância: porque eu pretendo escrever alguma coisa dessa vida do interior, tenho em incubação um vasto e soberbo plano, para a ampliação do qual vou acumulando as mais insignificantes anotações, as variantes mínimas de fatos e aspectos comuns”. A informação é importante para se aquilatar com segurança a orientação que o escritor dava aos seus pormenorizados conhecimentos sobre pessoas, hábitos e tradições do interior goiano. Era o vasto material de observação que reunia para significativa obra sobre o sertão. Ele próprio o diz:

“Será — só a ti confio este meu segredo — uma como apoteose da vida do sertão, não como Euclides da Cunha a escreveu, mas mais suave, com cambiantes de luz e sombras leves e lilás, à elegia, ao ditirambo, à epopéia e ao idílio... Mas, isto é um sonho, um simples sonho meu irrealizável: falta-me tudo, até a fé e a obstinação que são as grandes alavancas do mundo.” Em verdade, o que lhe faltaria, principalmente, seria a saúde, gravemente comprometida por uma neurose, que nos lembra a de Antero de Quental, inclusive na destruição da própria obra na hora de se despedir do mundo. Durante toda a vida, desde o colégio até à Academia, seria morbidamente um solitário. Dele escreveria um colega, Gomes Leite: “Era o aluno de maior cultura da nossa turma e o mais arredo de todos”. E o irmão Vitor, ao traçar-lhe breve biografia, dizia-o “franzino, tímido, desconfiado”. Durante toda a vida, lutaria contra a terrível enfermidade que, de tempos em tempos, ameaçava tirar-lhe condições para trabalhar. Entre altos e baixos, entre ilusões e desesperos, ele, no entanto, prosseguiria perseguindo o ideal do escritor. Mas, quanto sofrimento! Quanta dor! Quanta desilusão! Nada, entretanto, poderá nos dar mais nítida idéia das suas angústias, do que estas palavras dirigidas à irmã, numa emocionante confissão: “Quantas vezes quebrei a minha pobre caneta, jurando solenemente não mais escrever uma linha sequer, quantas vezes atirei-me com febre de iconoclasta aos meus míseros escritos reduzindo-os todos a cinzas, e quantas vezes — oh miséria das fraquezas humanas momentos após, me apanhei curvado sobre o papel, com a mão febril, os olhos acesos e o gesto breve e veloz, a escrever furiosamente, desatinadamente!” O escritor não podia fugir à sua vocação. Nada impediria que ele se tornasse um dos marcos maiores do nosso regionalismo.

Como sabido, e muitas vezes repetido, teve o regionalismo, até alcançar as formas de que se revestiu em nossos dias, várias cambiantes, não faltando se-

quer quem veja na famosa carta de Pero Vaz de Caminha, pela cor e pelas minúcias da terra e da gente do mundo recém-descoberto os longínquos primórdios do regionalismo. Contudo, mesmo sem irmos tão longe, não há negar que encontramos, entre alguns dos nossos românticos, efetiva preocupação com o regionalismo, que seria apenas uma forma de “escape do presente para o passado, um passado idealizado pelo sentimento, artificializado pelo sentimento”. Nesta linha, estão José de Alencar, Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães. Do primeiro, sabe-se que chegou a idealizar vasta obra de caráter nitidamente regionalista, e da qual são eloqüentes testemunhos “O Gaúcho” e “Iracema”. Os cantos de Gonçalves Dias ainda hoje soam como notas das mais altas da vida brasileira. Bernardo Guimarães será sempre lembrado pelas tintas locais dos seus romances. E Franklin Távora, querendo ir mais longe no seu estreito regionalismo, admitiu, no prefácio ao “Cabeleira”, fazer uma divisão entre o Norte e o Sul. A verdade porém, ao contrário do tentado por Franklin Távora, é haver sido, graças ao regionalismo, através de todas as múltiplas tonalidades emprestadas pelas diversas regiões do país, que oferece os retalhos com os quais se forma o grande todo da nacionalidade. Poderia mesmo dizer, segundo me parece, que da decantação dessa multiplicidade de expressões regionais, cada qual com as suas cores e os seus modismos, traduzindo hábitos, crenças e aspirações as mais diversas, surgem afinal, já no nosso século, as duas expressões maiores da literatura regionalista: “Juca Mulato”, o “Juca Mulato” de Menotti Del Picchia, ainda hoje o mais palpitante símbolo poético do nosso povo; do mesmo modo que a Monteiro Lobato ficaríamos a dever o “Jeca Tatu,” de que o Brasil tomou conhecimento pela palavra de Rui Barbosa, amarga representação realista do caipira abatido pelas enfermidades, que lhe impregnam a alma de conformada desesperança.

Não seria, porém, apenas através das belas letras que se formaria e divulgaria essa consciência nacional, lutando pela autonomia da nossa vida literária. No alicerce dessa construção, está também o trabalho de historiadores e sociólogos, dentre os quais não podemos esquecer Euclides da Cunha, o revelador de um mundo que o país havia até então ignorado, e pelo qual não se tinha ainda como o grande responsável. Por que omitir Capistrano de Abreu e Tavares Bastos, tão lúcidos nas suas interpretações históricas? E dos nossos dias é Gilberto Freyre, outro descobridor de um universo social até então não identificado e estudado.

Apesar de todas as tentativas anteriormente realizadas, somente já no fim do século XIX é que o regionalismo toma as linhas que o haveriam de delimitar dentro das nossas letras. Já vos disse ser corrente que tocou a Coelho Neto, posteriormente tão malsinado e esquecido, apontado mesmo como um retrógrado que impedia a evolução literária, a Coelho Neto com a novela “Praga” ser o pioneiro do regionalismo na última década do século passado. Mas, se lhe to-

cou a precedência, nem por isso haveria de ser admitido entre as figuras proeminentes daquela escola literária. Para mim, tenho como expressões maiores dessa fase — e nisso não faço mais do que repetir críticos mais autorizados — Valdomiro Silveira, que se lança pela imprensa nos idos de 1891; Afonso Arinos, com “Os Jagunços” e o seu famoso volume “Pelo Sertão”; e Manoel de Oliveira Paiva, autor do romance “D. Guidinha do Poço”. Sobre este último, farei breve digressão. Ignorado durante cerca de sessenta anos, pois tão longo é o tempo entre o ano em que foi escrito, 1891, e a data em que veio a ser editado, 1952, é possivelmente o que tem precedência nessa fase do regionalismo brasileiro. De fato, desaparecido Manoel de Oliveira Paiva em 1892, teria concluído no ano anterior o seu romance, o que lhe dá pequena precedência — segundo Lúcia Miguel Pereira — sobre Afonso Arinos, cujos primeiros escritos terão sido redigidos nesse ano, quando também Valdomiro Silveira estréia na imprensa com pequeno conto. Embora houvesse notícia do romance, a morte de Oliveira Paiva o fez desaparecido até os idos de 1950 quando o descobriu, quase por acaso, aquela escritora. Para mim, no entanto, o que faz mais importante “D. Guidinha do Poço”, é tê-lo conhecido graças ao Presidente Castello Branco, que numa das suas conversas sobre o seu Ceará, perguntou-me certa vez: “O Senhor conhece a D. Guidinha do Poço?” E ante a minha negativa foi buscar o volume que me deu. Curiosamente, havia nele esta dedicatória: “Para o Nogueira Paes ler uma história que se passou lá pelas bandas do Vale do Jaguaribe, com aquela gente boa, brava e braba”. Em verdade, o Presidente admirara o romance regional.

Aos autores citados seguir-se-ia, no Rio Grande do Sul, a extraordinária obra de Simões Lopes Neto com os seus imortais “Contos Gauchescos”. Todos eles natural desdobramento das tendências anteriores do regionalismo, todas elas voltadas para o nacionalismo que influiria nas próprias correntes do modernismo.

Após algumas incursões pelo simbolismo e pelo fantástico, Hugo de Carvalho Ramos voltou-se definitivamente para o regional. Fê-lo antes mesmo de se transferir para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Direito. No fundo, realizava um objetivo. E diria ao irmão: “— Sabes o que mais me seduz do Rio? É poder conhecer e admirar mais de perto o grande estilista do *Inverno em Flor, Pelo Amor, Jardim das Oliveiras...* — enfim — Coelho Neto.”

A mudança não logrou, porém, dissipar os sofrimentos do enfermo. Recordando-lhe o comportamento na Faculdade, um dos colegas assim lhe fixaria o perfil: “esquivo, esquisito, que passava dois meses sem aparecer na Escola, e quando ia às aulas era para ficar timidamente, nas últimas carteiras, com a fisionomia abatida de sempre, o olhar apagado, eternamente debruçado sobre um livro aberto a esmo...” O retrato bem lhe traduz o sofrimento. Este, no en-

tanto, não impediu que continuasse a escrever os contos, que reuniria aos trazidos de Goiás, e com os quais formaria o volume *Tropas e Boiadas*, o mais importante dos seus livros.

Publicou-o em 1917. E, embora já conhecido em alguns círculos pelos trabalhos na imprensa, a verdade é que o pequeno volume constituiu uma revelação — um grande escritor aparecia. Na realidade, uma surpresa, como se depreende das numerosas críticas que acolheram o livro entre louvores e esperanças. O próprio título, diga-mo-lo de passagem, é admirável: *Tropas e Boiadas*. Escreveu Tasso da Silveira que o título ficaria “sendo a melhor insígnia de todo o fecundo movimento regionalista da novelística brasileira.”

O mais importante, porém, é haver o autor de *Tropas e Boiadas* feito do regionalismo a análise da vida, das injustiças e dos sofrimentos das nossas infelizes populações rurais, devastadas pela doença e pela ignorância a que se reunia a desumana prepotência da classe dominante. Hugo Carvalho Ramos viu e descreveu esse mundo marcado pela injustiça. Certamente, não seria o primeiro, mas um dos mais lúcidos. Daí haver observado Tasso da Silveira: “O ficcionismo regionalista não apresenta, no Brasil, o sentido apenas de uma escolha temática. Fora preciso não dispor de nenhum senso exegetico para supô-lo assim. Em torno dos temas da gleba, do sertão, dos ambientes humílimos, os nossos regionalistas, e entre eles de maneira especial, o autor de *Tropas e Boiadas*, têm disposto, inconsciente ou deliberadamente, estacas fundas da problemática brasileira. No amor à gleba patricia e ao homem nela integrado, que faz a força dos livros de Afonso Arinos e Euclides da Cunha, por exemplo, se incluem aflitas interrogações e ansiedades secretas”. Voltado para as populações rurais não apenas como motivo ou inspiração literária, são muitas as páginas em que buscou fixar-lhe a vida miserável. E dessas, algumas das mais expressivas estão no volume “Plangências”, no capítulo sobre o “Interior Goiano”, e no qual desfilam aqueles submundos formados por tropeiros, carreiros, boiadeiros, e ao qual se soma “o elemento que se pode chamar genuinamente sertanejo.” É que o trabalho do escritor não é nunca uma improvisação, mas o fruto de acurada observação.

Por discordar de fatos que o escritor atribuíra a um velho ordenança, Casimiro, pediu-lhe um tio uma retificação. Hugo respondeu-lhe prontamente: “Meu caro, o que escrevo não é às cegas e instintivamente, tenho a responsabilidade dos meus processos literários; levo mesmo o meu escrúpulo até certas raias, de que só quem possui o segredo do *métier* e está a par da estrutura íntima desse gênero de composições, poderá avaliar o alcance. Não atribuiria nunca um sentimento a dado personagem que não o sopesasse primeiramente, quer fosse real, quer fictício o ser que metesse em cena.” A resposta mostra o critério com que o escritor buscava cingir-se à realidade.

Assinalou Lúcia Miguel Pereira, ao apreciar a obra do escritor goiano, que ele inaugurava nova fase do regionalismo. Aquele que se não contenta em descrever pessoas, costumes e paisagens, pois o faz com uma intenção denunciadora. “Já não é a cor local que sobretudo interessa ao autor, e sim a sorte das criaturas”. A evocação não o faz esquecer que os tropeiros, boiadeiros e camaradas são sobretudo homens que vivem mais miserável e pitorescamente. Daí haver chamado a novela “Gente da Gleba”, possivelmente o mais importante dos seus trabalhos, como “uma obra literária sincera e humanamente generosa.”

Como natural, há também os que opõem embargos à obra de Hugo Carvalho Ramos, e dentre estes se inclui Wilson Martins, para quem, a exemplo do que ocorre com Afonso Arinos, ele representa o homem da cidade escrevendo sobre caipiras. A circunstância, entretanto, mesmo se exata, em nada diminuiria o valor da obra realizada. Assinalou Gilberto Mendonça Teles, ilustre representante da cultura goiana, que na imensa progênie de escritores derivada de Afonso Arinos, modelo indisfarçável de “Tropas e Boiadas”, está o seu autor. Do mesmo modo que Hugo Carvalho Ramos é a fonte de todo o regionalismo goiano-mineiro posterior, até chegar-se ao primoroso Bernardo Elis. É a linha de regionalismo que o mesmo crítico chama de “intelectualista” e que Wilson Martins acredita que melhor seria qualificada como literária, isto é, aquela a que o homem culto da cidade escreve para erigir o sertão ao nível da criação estética. Regionalismo que se caracteriza, antes de tudo, pelo tratamento formal e elaborado, pela riqueza vocabular e requintes de glossário local, pelas imagens fulgurantes, pelo didatismo, pelo nacionalismo patriótico, pelo tradicionalismo e pelas implicações apotegmáticas, mas no qual o autor sempre se conserva do lado de fora, é sempre um *observador*... É uma literatura em que o leitor não é cúmplice dos personagens, é cúmplice do autor.” — Ai, a nostalgia do sertão! Suspira Hugo de Carvalho Ramos, no conto *Nostalgia*.

Não nos estenderemos sobre as apreciações com que a crítica recebeu *Tropas e Boiadas*. Mas, não podemos silenciar haver Viriato Correa lido três vezes o livro, tanto este o empolgou. E Jackson de Figueiredo afirmou cheio de entusiasmo: “Digo sem medo de errar que, dos escritores da nova geração, nenhum se apresenta assim, à entrada da vida literária, com tantas e tão formosas qualidades artísticas, tão segura técnica de um gênero difícil ou, pelo menos, raramente cultivado entre nós.” Ao mesmo tempo em que, para o irreverente Antonio Torres, “Mágoa de Vaqueiro” é quase uma pequena obra-prima.” Que dizer dos contos, “Ninho de Periquitos” e “O Saci”?

Nada, no entanto, sobreleva, na produção de Hugo Carvalho Ramos, à novela *Gente da Gleba*, e na qual se reúnem, de maneira excepcional, as virtudes do observador da vida sertaneja. A gente, a paisagem, a ecologia, os costumes tradicionais. Tintas às quais se junta um alto e forte grito de protesto contra as

injustiças de uma sociedade. Permiti que eu aqui repita o quadro no qual esboça as relações do empregado com o proprietário:

“Geralmente” — narra o novelista — “o empregado na lavoura ou simples trabalho de campo e criação, ganha no máximo quinze mil réis ao mês. Quando tem longa prática no traquejo e é homem de confiança, chega a perceber vinte, quantia já considerada exorbitante na maioria dos casos. É essa soma irrisória que deve prover às suas necessidades. Gasta-a em poucos dias. Principia então a tomar emprestado ao senhor. Dá-lhe este cinco hoje, dez amanhã, certo de que cada mil réis que adianta é mais um elo acrescentado à cadeia que prende o jornaleiro ao seu serviço. Isso, no começo do trato; com o tempo a dívida avoluma-se, chega a proporções exageradas, resultando para o infeliz não poder nunca saldá-la, e torna-se assim completamente alienado da vontade própria... É escravo da sua dívida, que, no sertão, constitui hoje em dia uma das curiosas modalidades do antigo cativoiro.” Nessa maneira simples, sem ênfase, mas expressão de uma realidade social, Hugo de Carvalho Ramos encontra o modo de revelar todo um mundo de injustiças sob o qual vive oprimido o empregado das fazendas do planalto goiano. Não lhe era preciso comentar, nem protestar — era suficiente narrar, para saltar aos olhos a cruel realidade.

Não era menos vigoroso na descrição das paisagens daquele mundo quase primitivo em que crescera. Ouçamo-lo, por exemplo, a falar de uma típica paisagem goiana: “Pelos dias de agosto, todo o horizonte goiano é um vasto mar de chamas: fogo das queimadas que ardem, alastrando-se pelos “gerais” dos tabuleiros e chapadões, a afugentar a fauna alada daqueles campos; fogo dos cerrados que esbraseiam, estadeando à noite os seus longos listrões de incêndio nas cumiadas das serras, intrometendo-se léguas e léguas pelo mato-grosso e travessões do curso dos rios, e subindo, carbonizadas as folhas secas que o vento acamara pelo cipoal e trepadeiras dos troncos seculares, cuja casca rugosa tisna de sobreleve para ir em fúria crepitar nas grimpas entre as galharadas verdes, reduzindo a cinzas os ninhos balouçantes do sabiá nativo, as caixas extravagantes da borá e mandacaia, quando não enxota de pouso em pouso as guinchantes guaribas, os velozes caxinguelês, das alturas prediletas de tamboril, jatobá, aroeira ou barriguda — os mais comuns daquelas matas.” Nesse pequeno trecho resume o escritor a característica paisagem do planalto goiano, cuja imagem se fixa na memória do leitor. Natural, portanto, houvesse proclamado Jackson de Figueiredo que “dos escritores da nova geração, nenhum se apresentou assim à entrada da vida literária, com tantas e tão formosas qualidades artísticas”.

Vale assinalar, para que melhor sintamos o valor da obra de Carvalho Ramos, que mau grado as modernas facilidades das comunicações, como o avião, o rádio, a televisão, o automóvel, bem pouco mudaram os aspectos típicos da região, e que vamos reencontrar na obra do nosso Bernardo Elis, nas quais se fi-

xam, em toda a ingenuidade inconfundível, os mesmos quadros sociais e físicos da região. Em Hugo de Carvalho Ramos há que distinguir os motivos e a língua literária. Esta constituição instrumento adequado aos seus temas locais, sem ser uma língua de intenções dialetológicas. Pelo contrário: é a língua corrente, com um ou outro localismo ou modismo, mas que traduz uma forma de expressão geral, ajustada às melhores tradições da língua portuguesa.

Ao compor *Gente da Gleba* estava o escritor preparado para prosseguir a carreira literária como um dos mestres do nosso regionalismo. Desgraçadamente, não lh'o permitiria a enfermidade, a neurose, que, entre curtos intervalos de esperanças, se agravava dia a dia. Um desses intervalos de esperanças viveu-o em Itanhandu, na Mantiqueira, donde partiu em abril de 1919. Descia a serra saudoso. E, ainda no trem, compôs algumas quadras que lhe traduziam as saudades:

“Adeus, ó serras distantes,
Já depressa atravessadas,
De olhos saudosos, amantes,
Tenho-vos n'alma gravadas.

Mantiqueira! Mantiqueira!
Serra de azul e de sonho,
Como te somes, ligeira,
Num céu de névoas, tristonho.

Levo comigo a saudade
E o pranto nos olhos vem,
Pois vai-te, felicidade,
Na asa rápida do trem.”

Realmente, a felicidade, que sempre se lhe mostrara avara, iria abandoná-lo definitivamente. E os anos que lhe restaram da vida foram de sofrimento e desilusão. Desse estado de espírito é doloroso testemunho a carta a Manoelito d'Ornelas: “O meu papel” — escreveu angustiado — “neste portentoso cenário que se abre à nova humanidade, e, particularmente, ao nosso extremado Brasil — nobre entre todos, pois é dos poucos que nenhum preconceito de raça ou ódios seculares separam de outras nacionalidades — é dos mais obscuros e humildes, pedindo eu quotidianamente a Deus que me dê forças, confiança e tranquilidade de espírito para que ainda algum dia realize, pelo menos em parte, o programa de união e elevação moral e intelectual que, como a maioria dos moços, sonhei em minha primeira e inexperiente juventude. Hoje em dia tenho ficado quase completamente inativo e afastado dos campos das pugnas intelectuais...” Desventurado sonhador! Embora houvesse sido, desde a infância, um organismo débil, a vigorosa inteligência a que se somou marcada vocação literária, fez que acalentasse grandes ideais. Agora, ainda em plena mocidade,

Hugo de Carvalho Ramos, entre as preocupações e desvelos, dos seus familiares, amigos e admiradores, era tragicamente conduzido pela mão da neurose, que o levaria ao desespero fatal. E, em 21 de maio de 1921, a insânia o faria pôr o ponto final na existência luminosa e sofrida. Dele, como magnífico raio de sol a iluminar os altiplanos que o viram nascer, ficava a admirável obra literária, que faz dele, incontestavelmente, a maior figura, no início do século, das letras do planalto goiano, que ele conheceu e amou, como nós, hoje conhecemos e amamos a sua obra, uma das mais puras do regionalismo brasileiro.

SAUDAÇÃO A LUIZ VIANA FILHO

Aderbal Jurema

A Academia Brasileira de Letras recebe, nesta noite, o escritor Luiz Viana Filho. A escolha que o historiador respeitado, o estadista ilustre, o parlamentar lúcido e o homem de letras consagrado fez para que o saudássemos, dentro dos cânones acadêmicos, dão-me a sensação de que a minha responsabilidade está diminuída diante da obra escrita por Luiz Viana Filho que, por si só, é uma eloqüente saudação ao novo acadêmico.

Novo acadêmico brasileiro porquanto há muitos anos que ele ilustra a respeitável Academia Brasileira de Letras.

Luiz Viana Filho notabilizou-se, no mundo das letras, pelas suas admiráveis biografias. A realidade vivida pelo biógrafo de Joaquim Nabuco, de José de Alencar, de Rui Barbosa e de Rio Branco traduz a honestidade do historiador como pesquisador incomparável que não se deixa levar pelo demônio da biografia romanceada.

Entre a realidade vivida pelo biografado e a realidade interpretada pelo biógrafo há sempre distâncias enormes que podem dar uma imagem do biografado completamente fora de foco.

Luiz Viana Filho sempre teve uma consciência translúcida desse perigo. No ensaio sobre “a verdade na Biografia”, o acadêmico que estamos recebendo chama a atenção para a popularidade da biografia romanceada tão do gosto de um André Maurois. E assinala o escritor baiano; “No final, o leitor já não distinguirá o trabalho, que constitui, de fato, uma biografia daquele que poderá ser tudo, menos biografia.” A propósito da verdade na biografia, Luiz Viana Filho cita um artigo de seu companheiro de biografia do Barão do Rio Branco, o escritor pernambucano Álvaro Lins, que era de opinião que o biógrafo “devia ter sempre os movimentos limitados pela preocupação da verdade, da exatidão e da justiça.”

Álvaro Lins demonstrou a fidelidade a esse conceito quando escreveu a biografia do Barão do Rio Branco e Luiz Viana Filho, ao citar o biógrafo pernambucano e através de suas biografias soube ser um escritor que usou a intuição interpretativa para nos dar a conhecer melhor a personalidade dos seus biografados, sem perder o vínculo com a verdade histórica.

Daí se dizer que há biógrafos e biógrafos. Biógrafos que fazem o levantamento, a pesquisa de seu personagem até nos objetos de uso diário que ele utiliza, procurando encontrar a marca de sua individualidade, interpretando ou reconstituindo o seu caráter, a sua personalidade, sem porém deslizar pelas rodovias da verossimilhança que conduzem o escritor, ou melhor, o homem de letras, à prosa de ficção, ao ensaio novelesco, ou mesmo, à biografia romanceada.

Luiz Viana Filho cresce diante de nós ao ponto de Tristão de Athayde identificá-lo como o príncipe dos nossos biógrafos. Esse principado da inteligência, ele o desfruta com a modesta elegância do escritor por vocação, quer no ensaio histórico, quer na sua série de biografias.

Assinala Josué Montello o cuidado de Luiz Viana Filho de não ceder ao entusiasmo de seu tema, antes de tudo, a busca da verdade possível na recomposição da vida de seus biografados. Já o crítico paraibano, Olívio Montenegro, conhecido pelo rigor com que se pronunciava em seus julgamentos literários, diz a respeito do livro "A vida de Rui Barbosa": "E deste livro o que mais encanta o leitor é o ar de naturalidade que o autor não sacrifica ao gosto de parecer erudito ou filósofo ou esteta".

Estamos diante de um escritor realizado. A Academia Brasileira de Letras se engrandece com a sua chegada. Disse, certa vez, Oliveira Lima que Rui Barbosa era o "homem seguramente mais notável e de maiores dotes intelectuais do Brasil contemporâneo. Seu talento, continua Oliveira Lima, tanto tem de múltiplo quanto de complexa sua personalidade, pois que é ao mesmo tempo jornalista, orador, juriconsulto, filólogo, letrado, publicista e político, e tudo isto superiormente". Luiz Viana Filho, o cuidadoso, inteligente e humano biógrafo de Rui Barbosa, bem que continuou, na Bahia e no Brasil, a polivalência intelectual de seu ilustre biografado. Jornalista, orador, escritor e político de escol, o novo acadêmico brasileiro tem uma característica a mais do que Rui Barbosa: é muito bom de urna. Haja vista a consagração popular que acaba de obter do povo baiano, na sua reeleição para o Senado da República.

E as idéias políticas do historiador que recebemos nesta noite?

Ao longo de sua carreira política, sempre marcada pelo êxito, quer nas urnas, quer nas funções que ocupou no plano estadual e no federal, Luiz Viana Filho tem se caracterizado por ser um liberal nas idéias e nas atitudes. Nele, o pensamento fez um casamento de amor com a ação. Mesmo nos duros dias de oposição udenista, na Câmara dos Deputados, onde fomos colegas, jamais vi-

mos o deputado baiano, membro de uma bancada federal agressiva — onde se destacavam Nestor Duarte, Aliomar Baleeiro e Antônio Carlos Magalhães — perder a sua fleugma parlamentar.

O autor de “A Verdade na Biografia”, era um verdadeiro parlamentar inglês nas intervenções de plenário e nos discursos que pronunciava, com uma serena e eloqüente energia, que prendia a atenção não só de seus companheiros da célebre e já hoje histórica *banda de música* da valente UDN, como também a nossa, parlamentares do valoroso PSD, de saudosíssima memória.

Entre os trovões e relâmpagos que explodiam e iluminavam os plenários do Palácio Tiradentes, no Rio, e da Câmara dos Deputados, em Brasília, Luiz Viana Filho nunca se deixou perturbar pelos arroubos tribunícios e jamais sacrificou a sua postura inglesa às tentações do brilho fácil que persegue palmas como quem pensa construir castelos na areia da imaginação.

Este é um testemunho de um seu colega de várias legislaturas e que, embora ele tenha sido chamado de *francês*, alusão ao seu acidental nascimento em Paris, é, na verdade, na tribuna parlamentar, no gabinete de trabalho ou no convívio social com os colegas, um legítimo e muito bem posto *lord* da era vitoriana.

No seu estilo de escritor, a personalidade social e política de Luiz Viana Filho está sempre presente. Daí, lembrando a antiga sentença literária — o estilo é o homem — o escritor e o político são uma só pessoa, uma única personalidade de liberal autêntico que engrandece as idéias democráticas pelo exemplo de uma vida pública rica de gestos e atitudes coerentes, firmes, tranquilos e sérios.

Em artigo para recente edição “Três estadistas: Rui — Nabuco — Rio Branco” — onde a José Olympio reuniu, num só volume, as três biografias de Luiz Viana Filho, escreve Josué Montello: “A história de um povo ou de uma nação é feita, não apenas com fatos e ilações, mas sobretudo com exemplos — exemplos que uma geração recolhe nas gerações precedentes para crescer a esses paradigmas as suas próprias lições, com espírito de continuidade harmoniosa”.

O historiador e o político, que saudamos nesta noite, é, para gerações mais jovens de escritores e de homens públicos, um exemplo respeitável que todos nós admiramos.

Luiz Viana Filho adverte, em “A verdade sobre a biografia”, que o panegírico tem concorrido para desacreditar o gênero “como expressão da verdade”. De pleno acordo.

Nesta saudação, que não desejamos que se transforme em panegírico, somos autenticamente nordestinos. Estamos, aqui, para destacar as qualidades e exaltar as virtudes de um escritor, ensaísta e historiador que se impôs à intelec-

tualidade brasileira. Quanto às falhas e defeitos, que possam ser encontrados em suas obras, isso é assunto para os seus opositores, pois coerentemente liberal nunca os escondeu para não matar de fome os seus adversários...

O historiador e o biógrafo aparecem tão intimamente ligados nas suas biografias que é difícil dizer onde termina o historiador e onde começa o biógrafo, contrariando literariamente o axioma de que as paralelas nunca se encontram.

A harmonia de seu estilo na narrativa ou na interpretação da vida de um Rio Branco, de um José de Alencar, de um Joaquim Nabuco, de um Rui Barbosa é, sem dúvida, o traço marcante da personalidade deste admirável escritor que todos nós lemos com prazer, porque sabe ser um estilista que, sem desprezar o episódico, prende-nos a atenção pela argúcia com que interpreta os fatos vividos pelos seus biografados.

Não pensem os que aqui se encontram, neste noite de festa para a Academia Brasiliense de Letras, que estamos exagerando quando colocamos as biografias de Luiz Viana Filho ao lado das de Joaquim Nabuco sobre o seu pai, de João Mangabeira sobre Rui Barbosa, de Hilaire Belloc sobre Rechilieu, de Alvaro Lins sobre Rio Branco e a desse notável romancista Aldous Huxley, na interpretação do sentido religioso-político do jesuíta famoso — o Padre José de Paris.

Embora o irreverente Oliveira Lima tivesse escrito que Joaquim Nabuco “era o mais elegante ao mesmo tempo que o menos nacional dos escritores do seu país...” — Luiz Viana Filho não rezou pela cartilha do historiador pernambucano. Antes, procurou, na biografia de Joaquim Nabuco, destacar o amor que o afilhado de Ana Rosa, senhora de Engenho do Massangana, tinha pelas suas origens patriarcais e que, como confessa no seu admirável livro autobiográfico “Minha Formação”, foram fatores determinantes de sua brava e corajosa luta contra a escravidão, fatores familiares que influíram na sua formação quer como político, quer como diplomata.

Soube Luiz Viana Filho, com intuição, fazer uma admirável exegese da vida de Nabuco. De Nabuco que tantas vezes “via-se entre a parede e a espada”, na expressão de seu biógrafo.

Não se pode destacar qual das biografias escritas por Luiz Viana Filho é a que merece ser lida de imediato. Todas elas continuam gritantemente atuais.

No ensaio histórico destacaríamos nós “O Negro na Bahia”, prefaciado pelo grande Gilberto Freyre. Há, também, que assinalar a repercussão do livro “O Governo Castello Branco”, onde o então deputado federal Luiz Viana Filho foi autor e ator de um dos períodos políticos mais importantes e discutidos da história republicana.

Nesta noite de gala para a intelectualidade brasileira, porque a nossa jovem Academia está à procura de ser uma síntese desses valores que habitam o

planalto brasileiro, todos nós, membros desta Casa, e os que aqui vieram trazer o testemunho da sua admiração, da sua afetividade ao novo acadêmico, estamos certos da relevância desta posse e da sua contribuição para o fortalecimento desta agremiação na luta, no desejo, na busca de melhores dias para a cultura nacional.

Somos os novos bandeirantes, guiados pela luz deste Planalto já histórico que nos conduzirá a uma integração cada vez mais sólida das ilhas, dos arquipélagos culturais que coexistem nessa grande e admirável Nação que amamos com o mesmo amor daqueles vultos notáveis, cujas vidas o escritor Luiz Viana Filho soube dar a dimensão literária das obras de arte e a perpetuidade histórica dos monumentos que resistem à contemplação dos séculos.

O novo acadêmico escreveu na biografia do indianista cearense: “Alencar voltou à Câmara com o pé direito”.

Luiz Viana Filho, Senador da República e escritor por vocação — entra nesta Academia como Alencar voltou à Câmara : — com o pé direito.